

Percepções femininas sobre a cobertura jornalística das mudanças climáticas no meio urbano de Mato Grosso do Sul¹

Thalya Godoy da Silveira²

Katarini Miguel³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

O presente trabalho é parte do projeto de pesquisa de mestrado em desenvolvimento no PPGCOM-UFMS, que visa investigar se e como a cobertura jornalística sobre as mudanças climáticas têm atravessado o cotidiano das mulheres em meios urbanos, especialmente em Campo Grande (MS). Nesta proposta debatemos a problemática ambiental e o contexto da desinformação. Além da discussão teórica sobre desinformação e a cobertura jornalística ambiental, para fins metodológicos, pretende-se realizar a análise de conteúdo de um jornal local e um grupo focal com mulheres. Para elaborar o projeto, recorre-se a Collins (2021), Bueno (2007) e Santaella (2018).

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres; mudanças climáticas; ciberjornalismo; meio ambiente; Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO: POR CAMINHOS METODOLÓGICOS

Mato Grosso do Sul atingiu os piores índices em degradação ambiental ao longo dos últimos anos, o que indica o agravamento das mudanças climáticas e a consequente piora na qualidade de vida devido a esses efeitos - como o calor, fumaça, enchentes ou aumento do preço dos alimentos. Este cenário é mais crítico quando se trata de pessoas em vulnerabilidade social, como as mulheres que precisam lidar com as disparidades de gênero. “Os estudos sobre a justiça ambiental reconhecem que a desigualdade social e a opressão se interseccionam em todas as formas e que agentes do mundo além do humano são sujeitos de opressão e, por vezes, agentes de mudança social” (Collins e Bilge, 2021, p. 273).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, divulgação científica, saúde e meio ambiente em cenário de desinformação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Jornalista e mestranda no PPGCOM-UFMS (Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). E-mail: thalya.godoy@ufms.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do PPGCOM-UFMS (Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). E-mail: katarini.miguel@ufms.br

O relatório “Justiça climática feminista: Um modelo para ação” da ONU (Organização das Nações Unidas) aponta que as mudanças climáticas levarão mais de 158 milhões de mulheres e meninas para a pobreza e mais de 236 milhões de mulheres à fome até 2050. O documento ainda alerta para a necessidade de uma justiça climática feminista, que integre direitos das mulheres na luta global contra catástrofe ambiental. Além da vida pessoal - com dilemas próprios - as mulheres sofrem com o esgotamento psicológico e físico diante das múltiplas jornadas que enfrentam na rotina dentro e fora de casa - envolvendo trabalho, filhos, companheiros, animais de estimação, parentes, plantas, orçamento doméstico, limpeza, alimentação, entre outros.

Neste âmbito, vale considerar aspectos sociodemográficos-ambientais do município que podem influenciar o jornalismo e essas mulheres. Campo Grande é a capital de um estado com fortes relações com o agronegócio, abriga os biomas Mata Atlântica e Cerrado e, por fim, concentra as sedes dos poderes político, econômico e dos maiores jornais sul-mato-grossenses.

Portanto, esta pesquisa tem dois objetivos principais 1) investigar como a imprensa sul-mato-grossense tem noticiado os efeitos das mudanças climáticas na vida de moradoras de área urbana, tendo como recorte de análise o ano de 2024. 2) Entender como as próprias mulheres se posicionam acerca do conteúdo midiático sobre essas problemáticas ambientais, inclusive se são impactadas pelos fenômenos do negacionismo climático.

Partimos do pressuposto que as mulheres, apesar de mais afetadas, não acessam informações de qualidade sobre o tema e não estão presentes na cobertura jornalística, salvo quando testemunhas ou vítimas de tragédias ambientais, o que as coloca sempre em plano de subordinação, aproximando-se da própria concepção de natureza utilitária. Contudo, suspeitamos que essas asserções podem variar de acordo com os marcadores identitários dessas mulheres e, neste sentido, acionamos o segmento de noções da interseccionalidade para compreendermos como uma crise, a *priori* universal, revela desigualdades de gênero, aliado à proposta metodológica do grupo focal, na tentativa de compreender como o cotidiano feminino tem sido afetado objetivamente e subjetivamente pelos eventos climáticos extremos.

Portanto, pretende-se realizar um grupo focal com mulheres de diferentes classes sociais seguindo o padrão-metodológico de Costa (2005), que inclui planejamento

(elaboração de um roteiro de entrevistas, definição do público-alvo, moderador e documentador); realização da reunião (disposição da sala, registro, apresentação e introdução) e relatório (análise das respostas).

Deste modo, o objetivo do grupo focal é compreender se as mulheres locais consomem o jornalismo local, e se acreditam no aquecimento global e nas mudanças climáticas. Assim, pretende-se debater no grupo focal questões, que incluem: elas creem nas evidências científicas, como o derretimento das geleiras, ou ignoram o aumento das temperaturas globais e a intensificação de eventos climáticos extremos, como enchentes e ondas de calor? Percebem esses fenômenos como normais ou estão conscientes de que as tragédias ambientais não são eventos isolados ou acidentais? Como as mulheres refletem sobre essas questões no cotidiano e sobre o jornalismo?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: JORNALISMO AMBIENTAL E DESINFORMAÇÃO

Segundo Collins e Bilge (2021), existe um consenso que tragédias ambientais - como furacões, incêndios florestais e inundações - prejudicam de forma desproporcional grupos em desvantagem socioeconômica. É preciso considerar a importância da interseccionalidade neste cenário, com o reconhecimento que diferentes fatores - como raça, gênero, idade, sexualidade, nacionalidade, religião - podem afetar de forma desigual as relações humanas com o meio ambiente.

As pesquisadoras Rodas e Di Giulio (2017) alertam para uma deficiência na cobertura jornalística nacional sobre mudanças climáticas, visto a valorização de documentos e fontes oficiais em detrimento da humanização dos relatos, como as fontes personagens. Bueno (2007) reforça o compromisso do jornalismo ambiental com o interesse público, democratização do conhecimento, debate, pluralismo e a diversidade. “As fontes do jornalismo ambiental devem ser todos nós e sua missão será sempre compatibilizar visões, experiências e conhecimentos que possam contribuir para a relação sadia e duradoura entre o homem (e suas realizações) e o meio ambiente” (Bueno, 2007, p. 14).

No contexto das mudanças climáticas, as autoras Loose e Moraes (2018) atestam que a falta de contextualização e pouca atenção dada ao tema nos noticiários local e nacional são barreiras que têm dificultado aproximar o assunto da sociedade em geral. “A perspectiva local, a indicação de soluções ao alcance das pessoas e a gravidade do

problema precisam sempre estar presentes. Mais importante do que reportar riscos é mostrar formas de enfrentá-los” (Loose; Moraes, 2018, p. 122).

Contudo, é necessário reconhecer que, neste cenário de eventos climáticos extremos, não é raro encontrar os que desconhecem ou ignoram os graves riscos que enfrentam dentro da própria comunidade. Historicamente, populações em periferias ou afastadas de grandes municípios são os mais vulneráveis às tragédias que podem ameaçar vidas, cultura, trabalho, plantações, criações de animais, entre outros modos de viver de cidades inteiras (Moreira, *et al.*, 2020, online).

Uma pesquisa realizada por Tavares *et al.* (2011) com adultos residentes de quatro cidades do interior de São Paulo, em 2009, apontou que não há consenso sobre as mudanças climáticas. Dos 199 entrevistados (96 homens e 103 mulheres), quatro (2.01%) afirmaram na época que desconheciam que a Terra estava sofrendo um aquecimento e que tal fato alteraria os climas do planeta.

Contudo, mesmo entre os que tinham conhecimento sobre as mudanças climáticas, quase um quarto dos entrevistados em uma das cidades afirmou que não acreditava nos dados científicos. Perguntados sobre em quais canais obtinham informações sobre aquecimento global, 80,1% das respostas mencionaram algum meio de comunicação de massa, como rádio, televisão, jornal ou internet.

Diante disso, é possível deduzir em como a pós-verdade se faz presente entre a população quando trata-se de meio ambiente, visto que alguns dos entrevistados que tinham conhecimento sobre o aquecimento global preferiram não acreditar na ciência. Além disso, percebe-se que o jornalismo possui grande responsabilidade sobre a cobertura de eventos climáticos, especialmente sobre como codifica e decodifica informações para o público.

Santaella (2018) expõe que, na era da pós-verdade e das *fake news*, há uma desconfiança da população em relação às instituições políticas e democráticas, incluindo a ciência e a imprensa. “Isso tem levado, por exemplo, ao extremo da descrença na crise climática e até a aberrações lastimáveis como a da terra plana de que resultam crenças parcialmente verdadeiras, majoritariamente falsas até as redondamente falsas” (Santaella, 2018, p. 38). Portanto, a depender do enquadramento noticioso, o debate na mídia sobre meio ambiente, aquecimento global, mudanças climáticas e desigualdades

entre gêneros pode intensificar a preocupação ou influenciar posicionamentos do público sobre estes temas.

Entre as hipóteses desta investigação está a de que o jornalismo sul-mato-grossense tem realizado uma cobertura fragmentada sobre os efeitos das mudanças climáticas no meio urbano, especialmente sobre as percepções femininas. Outro ponto é que as altas temperaturas - efeitos das mudanças climáticas que são frequentes ao longo do ano em Mato Grosso do Sul - não recebem o mesmo enquadramento e relevância em comparação com os dias de frio, quando o repórter é enviado para a periferia para verificar como foi a madrugada gelada, por exemplo.

Assim, deduzimos que, apesar de acreditarem nas evidências das mudanças climáticas, as pessoas nas cidades, muitas vezes, não compartilham o mesmo senso de urgência e coletivo de pertencimento em relação à natureza. Esse cenário pode ser consequência, em parte, da falta de uma cobertura jornalística que humanize o tema e traga as questões ambientais para o contexto local de forma mais próxima e pessoal.

Além disso, julgamos que a onda de conservadorismo e negacionismo das redes sociais e pulverizada em meios de comunicação convencionais, contribui para um distanciamento da realidade ambiental local. Isso dificultaria o engajamento e a conscientização sobre os impactos das mudanças climáticas. Mesmo em casos com repercussão nacional que sensibilizaram o país, como as queimadas na Amazônia e enchentes no Sul do Brasil, em 2024, o tema enfrenta dificuldades para ir além do factual e se manter perene no noticiário.

A partir dessa investigação, espera-se alcançar resultados como uma visão detalhada sobre como a imprensa sul-mato-grossense tem abordado o tema ambiental, a partir da análise de textos, imagens, vídeos, infográficos e de outros recursos utilizados na narrativa. A pesquisa também pretende ouvir moradoras de Campo Grande sobre o tema, a fim de contribuir para a literatura científica sobre ecofeminismo e jornalismo.

Na comunhão da análise das informações dos jornais e relatos das fontes personagens, espera-se encontrar tendências, variáveis ou correlações sobre a preocupação das moradoras do meio urbano com os eventos ambientais extremos. Portanto, a futura dissertação pretende contribuir para avanços das pesquisas na área e fornecer informações que possam auxiliar outros trabalhos, como novas investigações científicas e políticas públicas.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007. 199 p.

COLLINS, Patricia Hill *et al.* Interseccionalidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, Maria Eugenia Belczak. Grupo Focal. In: JORGE, Duarte et al, (org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas S.A., 2005. cap. 11, p. 180-192.

LOOSE, Eloisa Beling; MORAES, Cláudia Herte de. MUDANÇAS DO CLIMA (E DE PAUTA!). In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (org.). Jornalismo Ambiental: teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 111-124. ISBN 978-85-53074-20-4. Disponível em: <https://jornalismoemeioambiente.com/wp-content/uploads/2018/09/jornalismo-ambiental-teoria-e-prc3a1tica2.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2025.

MAIA, R. C. M., et.al. Métodos em pesquisa em comunicação política. [s.l.] Edufba, 2022.

MOREIRA, J. Entrevista: Covid-19 e as mulheres atingidas por crimes ambientais. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/entrevista-covid-19-e-as-mulheres-atingidas-por-crimes-ambientais/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

Novo relatório mostra como o feminismo pode ser uma ferramenta poderosa para combater as mudanças climáticas. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/novo-relatorio-mostra-como-o-feminismo-pode-ser-uma-ferramenta-poderosa-para-combater-as-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

RODAS, C. de A., & Di Giulio, G. M. (2017). Mídia brasileira e mudanças climáticas: uma análise sobre tendências da cobertura jornalística, abordagens e critérios de noticiabilidade. *Desenvolvimento E Meio Ambiente*, 40.

SANTAELLA, Lucia. A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?. Barueri (SP): Estação das Letras e Cores, 2018.

TAVARES, A. C.; LIMA-GUIMARÃES, S. T. de; BRITO, C. A. de; LUCON, C. L.; ANDRADE, P. A. de; OLIVEIRA, S. C. de. Aquecimento global e mudanças climáticas na visão de adultos residentes em cidades paulistas. *Geografia Ensino & Pesquisa*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 75–86, 2011. DOI: 10.5902/223649947364. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7364>. Acesso em: 21 jan. 2025.